

# DO ATLAS LINGUÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PONTA PORÃ/MS: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DAS UNIDADES LEXICAIS ‘MENINO’ E ‘MENINA’

**Marilza Nunes de Araújo Nascimento**

Doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos – pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) /  
Campus de Três Lagoas  
nunesmaril@hotmail.com

**Suely Aparecida Cazarotto**

Doutoranda em Letras – Estudos Linguísticos – pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) /  
Campus de Três Lagoas / Bolsista da Fundação de Apoio ao Ensino, Ciência e Tecnologia (FUNDECT) do  
estado de Mato Grosso do Sul  
suely.cazarotto@hotmail.com

## RESUMO

O léxico de uma comunidade apresenta características que contribuem para a observação das “nuances linguísticas” representadas pelos falantes desse ambiente. Este estudo busca analisar as variedades linguísticas encontradas na fala de sujeitos bilíngues, em região de fronteira Brasil-Paraguai, mais particularmente no município de Ponta Porã, sul do estado de Mato Grosso do Sul. O corpus foi extraído do Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS (ALiPP) (REIS, 2006), que tem como um dos objetivos o registro de marcas de influências das línguas em contato, o português, o guarani e o espanhol, reconhecidos na localidade. Ocupou-se especificamente das Cartas Linguísticas 145 (Questão 152: O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino?) e 146 (Questão 152b: O que é uma criança de 5 a 10 anos: b) do sexo feminino?). As análises verificaram a prevalência do português sobre os demais estratos linguísticos considerados no estudo, uma vez que se apresentou como a mais produtiva, com 41 ocorrências, nas duas cartas, ficando o guarani com o segundo lugar, com 27 ocorrências, também em ambas. O espanhol, por sua vez, demonstrou baixa produtividade, com apenas uma ocorrência, “*criatura*”, na Carta 145. Além disso, também pôde ser observado o registro de duas variantes híbridas: *mitaguasu/mita guasu*, encontrada nas duas cartas analisadas, com uma ocorrência em cada uma delas, e *piazinho*, com registro na Carta 145.

**Palavras-chave:** ALiPP, Cartas Linguísticas, bilinguismo, análise léxico-semântica.

## ABSTRACT

The lexicon of a community has characteristics that contribute to the observation of "linguistic nuances" represented by the speakers of this environment. This study aims to analyze the linguistic varieties found in the speech of bilingual individuals in the region of Brazil-Paraguay border, particularly in the municipality of Ponta Porã, south of the state of Mato Grosso do Sul. The corpus was extracted from the Linguistic Atlas of the Municipality of Ponta Porã-MS - ALiPP (REIS, 2006), which has as one of its objectives registering influences of languages in contact: Portuguese, Guarani and Spanish, recognized in this locality. It dealt specifically with Linguistic Letters 145 (Question 152: What is a 5- to 10-year-old child: a) male?) And 146 (Question 152b: What is a 5- to 10-year-old child: b) women? These analyses verified the prevalence of the Portuguese language over the other linguistic strata considered in the study, since it was presented as the most productive, with 41 occurrences, in the two letters, and Guarani being second, with 27 occurrences, also in both. The Spanish language, in its turn, presented low productivity, with only one occurrence, "*creature*", in letter 145. In addition, it was also possible to observe the registration of two hybrid variants: *mitaguasu/mita guasu*, found in the two analyzed letters, with an occurrence in each of them, and *piazinho*, registered in Letter 145.

**Keywords:** ALiPP, Language Letters, bilingualism, lexical-semantic analysis.

## Introdução

O léxico utilizado por uma comunidade de falantes apresenta características que contribuem para a observação de variedades regionais e socioculturais que marcam as “paisagens linguísticas” representadas na fala dos sujeitos inseridos nesse ambiente, uma vez que o léxico é um dos caminhos mais utilizados para o falante expressar o mundo que o cerca, com todas as suas nuances e possibilidades.

Com isso, muitos estudos têm sido empreendidos a fim de se verificar a designação que os sujeitos atribuem aos elementos do espaço/mundo que os cerca, pois, de acordo com o que se pode verificar por meio da assertiva de Brandão,

é por meio da língua que o homem expressa suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence, as ideias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com a tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação (BRANDÃO, 1991, p. 5).

Por isso o estudo do patrimônio lexical de uma comunidade nos fornece elementos para a leitura da sociedade, já que investigar uma língua é também investigar as tendências reveladas pelos diferentes momentos históricos, porque o sistema linguístico, sobretudo no nível lexical, pode evidenciar as expectativas e o pensamento de um grupo social inserido em um ambiente físico. Ou seja, o estudo da língua de um grupo possibilita também o estudo da cultura local e a compreensão da relação do homem com o mundo que o cerca.

Diante disso, pode-se entender o léxico como um importante meio de identidade de que dispõe uma população e, por essa razão, ocupa um lugar de destaque na cultura

de um povo. Ainda, deve-se perceber o léxico como uma forma altamente relevante de os sujeitos tomarem conhecimento do mundo, considerando-se todos os elementos que compõem esse mundo e “constroem” o ambiente onde esses sujeitos estão inseridos. Fato ratificado por Biderman, quando esclarece que

o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas (BIDERMAN, 1998, p. 91-92).

E acerca da língua e da sua relação com o léxico que a compõe, considerando-se a relevância do fator social no interior dessa relação, Silva Neto assevera que:

A língua é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigado a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que a falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam (SILVA NETO, 1986, p. 18).

Mediante o exposto, não restam dúvidas de que a busca do conhecimento sobre uma determinada sociedade e/ou comunidade passa, obrigatoriamente, pelo estudo da língua e do léxico utilizado pelos falantes que formam essa sociedade/comunidade. Em vista disso, os estudos geolinguísticos/dialetológicos se ocupam de pesquisas que visam “mapear os falares”. No Brasil, a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920), é

considerada marco inicial dos estudos dialetais; no entanto, esses estudos ganham impulso somente em 1963, com a publicação de *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes. Também em 1963 foi publicado, na Bahia, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nelson Rossi, sendo considerado o primeiro atlas regional brasileiro e um marco efetivo na instauração da Geolinguística no Brasil. Todavia, é necessário assinalar que foi a obra *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (1985), de Serafim da Silva Neto, que despertou o interesse pelos estudos dialetológicos brasileiros, pois, à época, Silva Neto propõe um projeto para a elaboração de um Atlas Linguístico Nacional (LOURENÇO; ALTINO, 2013, p. 3).

Além disso,

em 1996, quando se inicia o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), já estavam publicados mais quatro atlas regionais — o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), em 1977; o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), em 1984, o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), em 1987, e o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), em 1994, encontrando-se, em andamento, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), que seria publicado em 2002 (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 858).

Sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), é importante ressaltar que

constitui-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, *in loco*, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250). Trata-se, portanto, de um projeto que se desenvolve no campo da variação linguística, mais especificamente no campo da Dialetologia e com base na Geolinguística, caminho metodológico que se ocupa da cartografia dos fatos de língua, cuja produção de maior relevância se consubstancia nos atlas linguísticos. Dá curso a uma tendência dos estudos da linguagem que, iniciada na Europa com o Atlas Linguistique de la France (1902-1910), obra de Jules Gilliéron, se expande e se diversifica no que

concerne à abrangência da área considerada — atlas regionais, nacionais, de família de línguas e de um continente. O Projeto ALiB responde a um desejo expresso por filólogos e linguistas brasileiros e enfaticamente reivindicado por Nascentes (1958, p. 7) que, nas suas Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil (1958), assinala a importância dos atlas linguísticos: “[...] Depois de Gilliéron, o fundador da geografia linguística, nenhum verdadeiro estudioso da filologia nega o valor dos atlas linguísticos nem o seu caráter de indispensáveis” (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 855-856).

Também é importante esclarecer que o Atlas Linguístico do Brasil, Projeto ALiB, produzido pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL), por meio da parceria com 27 universidades brasileiras, foi oficialmente lançado em 8 de outubro de 2014, sendo que o primeiro volume (210 páginas) reúne a introdução completa acerca dos usos e estrutura do Atlas; já o segundo (396 páginas) traz as 159 cartas linguísticas que compõem o Atlas, cujos autores são: Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), Jacyra Andrade Mota (UFBA), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Aparecida Negri Isquardo (UFMS), Abdelhak Razki (UFPA), Felício Wessling Margotti (UFSC) e Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)<sup>i</sup>.

Além dos atlas supracitados, Valter Pereira Romano, em seu artigo *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão* (2013), apresenta um retrato dos estudos geolinguísticos no Brasil, considerando os atlas estaduais, regionais ou de pequeno domínio, “que contemplam determinada região dentro de um estado, de limites internacionais, de determinada etnia ou município” (ROMANO, 2013, p. 231), já concluídos ou em andamento.

E dentre os trabalhos aos quais Romano (2013) faz referência em seu artigo, à página 233 está o *Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS<sup>ii</sup>: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*, de Regiane Coelho Pereira Reis

(2006), o universo de onde fora extraído o *corpus* deste trabalho, que tem por objetivo analisar as Cartas Linguísticas 145 (Questão 152: O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino?) e 146 (Questão 152b: O que é uma criança de 5 a 10 anos: b) do sexo feminino?), que registram as variedades lexicais consideradas para *menino* e *menina*.

A análise verifica o bilinguismo presente nas ocorrências, uma vez que a pesquisa dialetológica fora realizada em área de fronteira Brasil/Paraguai, território onde convivem os estratos linguísticos português, guarani e espanhol.

A seguir, são traçadas considerações sobre o ALiPP, por serem relevantes para a compreensão do trabalho.

## 1. O Atlas Linguístico do município de Ponta Porã (ALiPP)

O Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS (ALiPP), de Regiane Coelho Pereira Reis (2006), teve por objetivo registrar a modalidade oral da variedade sul-mato-grossense da língua portuguesa, no município de Ponta Porã, além de documentar possíveis mudanças linguísticas na língua falada, e, ainda, registrar marcas de conservadorismo e de bilinguismo nas línguas em contato – o português, o guarani e o espanhol – nessa região de fronteira onde a pesquisa foi realizada.

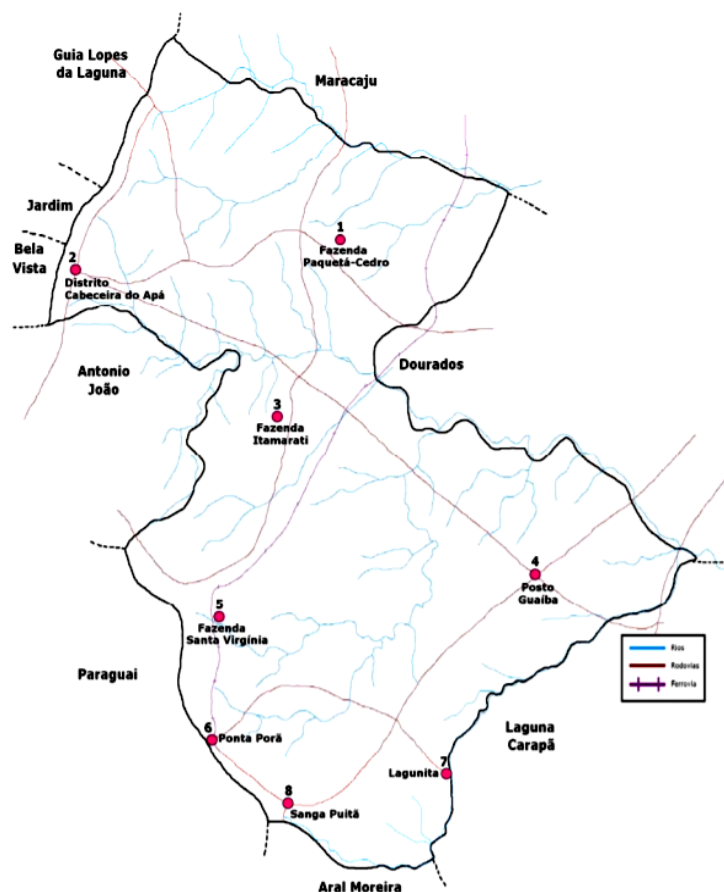
Com relação à escolha dessa localidade para a realização da pesquisa e elaboração do ALiPP, a autora explica que

considerou a importância histórica e geográfica de Ponta Porã, município situado na fronteira seca entre Brasil e Paraguai, que foi cenário da Guerra do Paraguai (1864-1870), fator que gera intensas trocas culturais e linguísticas nessa faixa de território, dando-lhe,

especialmente na língua falada, fisionomia própria, distinta de outras regiões do estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, a localidade é ponto de inquérito de dois outros projetos: Atlas Linguístico do Brasil e Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (REIS, 2006, p. 16).

Vale registrar que o ALiPP contém um conjunto de 234 cartas, das quais duas são introdutórias e 232, linguísticas. A rede de pontos reuniu oito localidades, distribuídas segundo a localização, sendo: Ponto 1) *Fazenda Paquetá-Cedro* – Norte/Leste; Ponto 2) *Distrito da Cabeceira do Apa* – Norte/Oeste; Ponto 3) *Fazenda Itamarati* – Centro; Ponto 4) *Posto Guaíba* – Sul/Leste; Ponto 5) *Fazenda Santa Virgínia* – Sul/Oeste; Ponto 6) *Ponta Porã* (sede) – Sul/Oeste; Ponto 7) *Distrito de Lagunita* – Sul/Oeste e Ponto 8) *Distrito de Sanga Puitã* – Sul/Oeste, que podem ser visualizadas na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Rede de Pontos (ALiPP)



Fonte: REIS, 2006, p. 193

Concernente à escolha dos informantes, Reis (2006, p. 181) explica que se deu com base nos pressupostos da dialetologia pluridimensional, considerando-se as variáveis *diassexual* (masculino e feminino); *dialingual* (português/espanhol, português/guarani ou português/espanhol/guarani); *diafásica* (“apuradas por meio das respostas e narrativas obtidas” [REIS, 2006, p. 181]). Ainda esclarece que abdicou da variável diageracional e adotou apenas a segunda faixa etária em decorrência dos objetivos estabelecidos para o projeto, que são, dentre outros, o de documentar traços de conservadorismo e de bilinguismo. Também esclarece que, ainda por conta dos objetivos traçados, considerou as variáveis: *ascendência paraguaia* e *falante bilíngue português/espanhol e português/guarani*. Em síntese, o perfil dos informantes do projeto ALiPP é: 1. *Faixa etária* (45 a 70 anos); 2. *Naturalidade e/ou residência* (pessoa do lugar, nascidos na fronteira do Brasil/Paraguai, divisa com o estado de Mato Grosso do Sul e/ou residentes nas localidades pesquisadas há mais de vinte anos, cujos cônjuges também fossem da localidade ou da região da pesquisa); 3. *Escolaridade* (analfabetos ou 1ª a 4ª série do ensino fundamental); 4. *Sexo* (masculino e feminino); 5. *Domínio linguístico* (informantes bilíngues) e 6. *Número de informantes* (dois por localidade, um homem e uma mulher) (REIS, 2006, p. 181).

Sobre o questionário aplicado aos informantes, a autora esclarece que se trata de um questionário linguístico semântico-lexical, contendo 260 perguntas e duas narrativas contemplando o nível lexical da língua e estruturado em torno das áreas semânticas Natureza e Homem, que, por sua vez, aglutinam perguntas associadas a outras subáreas semânticas. Relacionadas à área da Natureza, têm-se: i) *acidentes geográficos*; ii) *fenômenos atmosféricos*; iii) *flora* e iv) *fauna*; já a área Homem contemplou as subáreas: i) *corpo humano*; ii) *doenças mais comuns*; iii) *funções do corpo humano*; iv)



*características físicas; v) cultura e convívio; vi) ciclos da vida; vii) religião e crenças; viii) alimentação e utensílios; ix) habitação; x) trabalho e atividades agropastoris; xi) brinquedos e diversões e xii) superstições, simpatias e lendas* (REIS, 2006, p. 182).

A proposta deste estudo compreende as Cartas 145 e 146, área Homem, subárea Ciclos da Vida, e referem-se às questões 152: “O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?”, e 152b: “O que é uma criança de 5 a 10 anos: b) do sexo feminino? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?” (REIS, 2006), sobre as quais serão feitas análises a fim de se verificarem as variantes utilizadas na designação do(s) referente(s) e os estratos linguísticos utilizados pelos falantes/informantes para realizar essa(s) designação(ões).

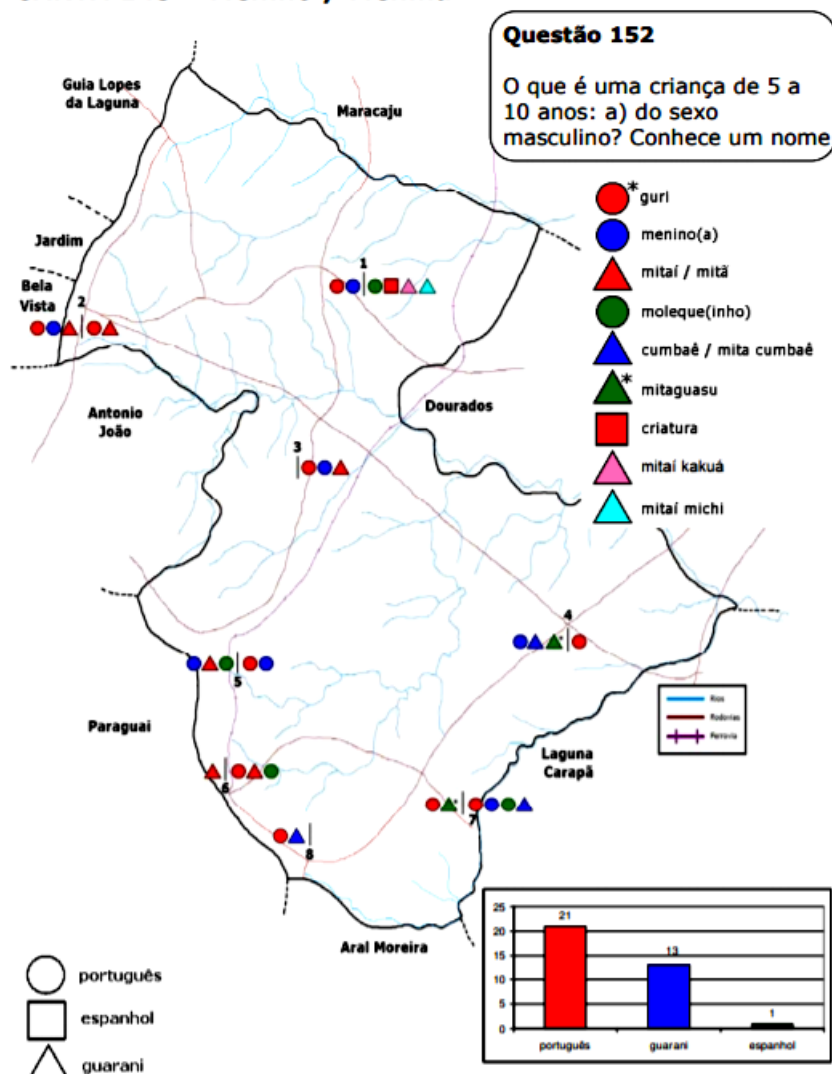
## 2. Análise de dados

A análise privilegiará os dados encontrados nas Cartas 145 e 146, do ALiPP, que apresentam as respostas referentes às “unidades lexicais”<sup>iii</sup> *menino* e *menina*, consideradas nos estratos linguísticos português, espanhol e guarani e também em vocábulos de outras origens linguísticas que se manifestaram nas respostas obtidas dos falantes inquiridos na investigação.

A Figura 2, na sequência, apresenta a Carta Linguística 145, contemplando a lexia *menino*, a fim de que sejam efetuadas as análises.

Figura 2 – Carta 145 – Questão 152 – “Menino”

**CARTA 145 – Menino / Menina**



**Ocorrências únicas: Mo5 – diazinho**

Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã – MS

Fonte: REIS, 2006, p. 341

O vocábulo *menino* pertence à classe dos substantivos e designa “criança do sexo masculino [XIII, menño XIII, minino XIII etc.] Voc. de criação expressiva || [...] || **meninICE** [XIV, *mininice* XIV, *menñez*, XIII, *menynnez* XIII” (CUNHA, 1997).

Em relação ao estrato linguístico, ao se observar a Carta 145 (Figura 2), pode-se perceber a predominância do *português* nas respostas obtidas, sendo que as variantes

*guri* e *menino* foram apontadas em todos os pontos de inquérito e, com maior produtividade, nos pontos 5 e 7, com quatro ocorrências. Nos pontos 1 e 2, essas variantes obtiveram três ocorrências; nos pontos 3, 4 e 6, duas, e no ponto 8, apenas uma. Ainda do português foi registrada a variante *moleque(inho)* em quatro dos oito pontos de inquérito, sendo os pontos 1, 5, 6 e 7. Assim, as variantes de estrato linguístico português, disseminadas em todos os oito pontos de inquérito investigados pelo ALiPP, perfizeram um total de 21 ocorrências.

O estrato linguístico com a segunda maior produtividade foi o *guarani*, representado pelas variantes *mitaí/mitã*, *cumbaê/mita cumbaê*, *mitaí kakuá* e *mitaí michi*. Assis (2008, p. 189-190) esclarece que *mitã*, substantivo, significa “de modo geral criança, menino.” e, ainda, “Mitã’i [...] – Menininho [...]”. Quanto ao vocábulo *cumbaê*, Tibiriçá (1989, p. 51) conceitua-o como “cuimba-é – s. homem, macho, varão”. Numa tradução literal, a expressão *mita cumbaê* significa *menino macho* e está espalhada entre os falantes brasileiros, mais especificamente entre as pessoas consideradas da “terceira idade”. O vocábulo *kakuá* tem o significado de “cacuaá – v. crescer; aumentar; criar-se; grande, enorme; adj. adulto” (TIBIRIÇA, 1989, p. 39; ASSIS, 2008, p. 134) e, desse modo, pode-se compreender a expressão *mitaí kakuá* como “menino grande/crescido”, de dez anos, como se apresenta na investigação realizada para a obtenção da resposta. Por sua vez, *michi* tem o significado de “adj. e adv. pouco; pequeno.” (TIBIRIÇA, 1989, p. 113; ASSIS, 2008, p. 188), o que faz com que a expressão *mitaí michi* seja compreendida como “menino pequeno”, numa referência à criança de 5 anos, também mencionada na investigação. Numa soma de todas as variantes de estrato linguístico guarani, obtêm-se 13 ocorrências.

De estrato linguístico espanhol, obteve-se apenas uma ocorrência, *criatura*, que, segundo o Dicionário da Real Academia Espanhola, versão *on-line*, tem a seguinte acepção:

**criatura.<sup>iv</sup>**

(Del lat. *creatūra*).

1. f. Niño recién nacido o de poco tiempo.

[...]

1. loc. verb. coloq. Ser de muy poca edad.

2. loc. verb. coloq. Tener propiedades de niño.

Além dos estratos linguísticos português, guarani e espanhol, identificados na Carta 145, que são marcas de bilinguismo apresentadas na fronteira e um dos objetivos do ALiPP, também se apresenta registrada na pesquisa a variante *mitaguasu*, híbrida, composta pelos estratos guarani (*mita*/menino) e tupi, “Guaçu, [...]”. Como adjetivo exprime grande, grosso, largo, amplo. [...]” (SAMPAIO, 1928, p. 206), significando, numa leitura dos elementos que compõem o vocábulo, *menino grande*.

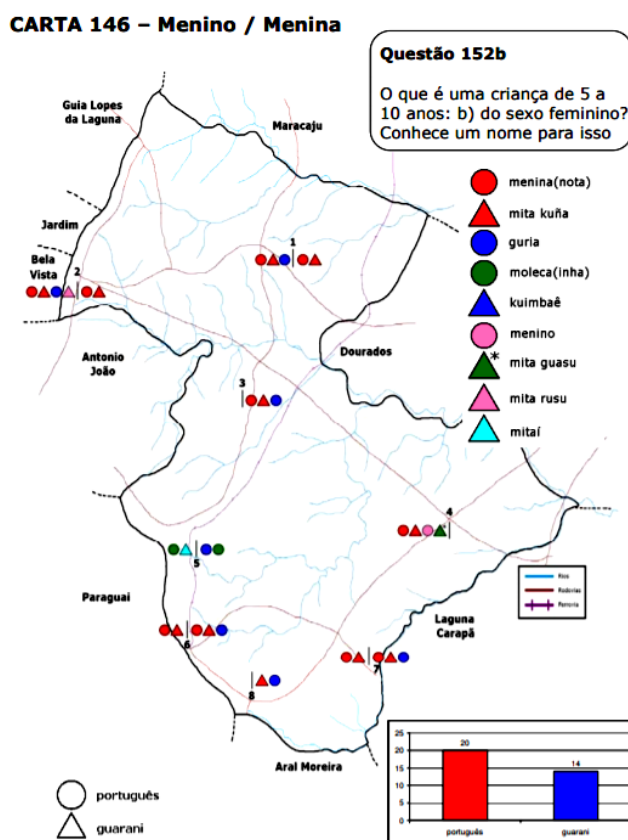
Ainda sobre a presença do tupi na Carta 145, observa-se a ocorrência única da variante *piazinho*, que, conforme Borba (2011), tem o sentido de “criança. Do tupi **pi’a** ‘menino mestiço de índio com branco’.”, ou, ainda, de acordo com Ferreira (2009), “(Do tupi = ‘coração’, ‘estômago’, entranhas’.) S.m. 1. *Bras.* Índio jovem. 2. *Bras.* Mestiço jovem de branco com índio; pequeno caboclo. 3. *Bras.* V. menino. 4. *Bras.* SC RS Qualquer menor que não é branco e trabalha como peão de estância. [...]”. Vale esclarecer que a variante *piazinho* também se apresenta na forma híbrida, uma vez que “piá” é de estrato linguístico tupi e o sufixo “(z)-inho”, do português, “sufixo nominal formador de diminutivos [...]” (FERREIRA, 2009).

Cabe atenção para o fato de que Ferreira, na acepção 4 do vocábulo “piá”, considera-o um regionalismo pertencente a dois estados da Região Sul do Brasil, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A presença do tupi também é percebida na lexia “guri” – *gwi’ri*, bagre novo, por extensão, criança<sup>v</sup> –, no entanto, é importante ressaltar que, mesmo sendo etimologicamente classificada como um vocábulo de origem tupi, no ALiPP, essa variante foi considerada do português.

A Figura 3, na sequência, permite-nos verificar as ocorrências encontradas na Carta Linguística 146, Questão 152b, “menina”, para que sejam efetuadas as análises.

Figura 3 – Carta 146 – Questão 152b – “Menina”



Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã – MS

Fonte: REIS, 2006, p. 342

Cunha (1997) apresenta o vocábulo *menina* como parte do verbete *menino*, assinala-o como um substantivo feminino e o conceitua como “‘criança do sexo feminino’ || XIII, menña XIII, menyynna XIII etc. || [...]”.

Referente à verificação dos estratos linguísticos, também na Carta 146, por meio das respostas obtidas, percebe-se a prevalência do *português* sobre o guarani e o espanhol. Fato justificado mediante as ocorrências das lexias *menina/meninota*, *guria*, *moleca/molequinha* e, ainda, da variante *menino*, para “criança de 5 a 10 anos, do sexo feminino”, em um dos pontos de inquérito.

A variante *menina/meninota* foi a de maior produtividade, tendo ocorrido duas vezes nos pontos 1, 2, 6 e 7 e uma vez nos pontos 3 e 4, totalizando dez ocorrências. *Guria* foi registrada nos pontos 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 8, com apenas uma ocorrência em cada um, num total de sete ocorrências. Já *moleca/molequinha* foi registrada, por duas vezes, no ponto 5. *Menino* encontra-se no ponto 4, em ocorrência única. Mediante o exposto, percebe-se que as variantes de estrato linguístico português, juntas, somam 20 ocorrências no ALiPP.

Igualmente à Carta 145, a Carta 146 apresenta o estrato linguístico guarani como a segunda maior produtividade, percebido em *mita kuña*, *kuimbaê*, *mita rusu* e *mitaí*.

Em conformidade com Assis (2008, p. 163) *mitã* pertence à classe dos substantivos e significa, “de modo geral criança, menino.” e “*kuña* – (subst.) mulher, fêmea, companheira.”. No ALiPP, a variante *mita kuña* obteve o maior número de ocorrências, num total de 11, entre os vocábulos guaranis, sendo registrada por duas vezes nos pontos 1, 2, 6 e 7 e apenas uma vez nos pontos 3, 4 e 8. Não houve ocorrência dessa variante no ponto 5.

A variante *kuimbaê*, “Kuimba’e – (subst.) homem, macho, varão.” (ASSIS, 2008, p. 162), apesar de apresentar-se na legenda como uma das ocorrências na Carta 146, observando-se os pontos de inquérito, não é possível encontrá-la.

*Mita rusu*, ou *Mitãrusu*, cujo significado é “adolescente” (ASSIS, 2008, p. 348), encontra-se, em ocorrência única, no ponto 5, assim como *mitaí* e *mita guasu*.

Considerando-se todas as variantes de origem guarani registradas na Carta 146, obtém-se um total de 14 ocorrências. Ressalte-se que, nessa carta, não houve a presença de nenhum vocábulo de origem espanhola.

## Considerações finais

O Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS (ALiPP) apresenta o mapa da fala de sujeitos habitantes de uma porção do Brasil, região de fronteira com o Paraguai, que convivem com o bilinguismo, dado que são falantes do português convivendo com o guarani e o espanhol, línguas oficiais do país vizinho. Apresenta um “retrato linguístico” onde estão registradas designações variadas para um mesmo referente, perpassando os três estratos linguísticos em contato nessa localidade brasileira, e, por sua vez, este estudo pautou-se em dados do ALiPP, ocupando-se mais especificamente das Cartas Linguísticas 145 (Questão 152: O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino?) e 146 (Questão 152b: O que é uma criança de 5 a 10 anos: b) do sexo feminino?), que tratam das unidades lexicais *menino* e *menina*.

Mediante as análises efetuadas, verificou-se a prevalência do *português* sobre as demais línguas consideradas no estudo, uma vez que se apresentou como a mais produtiva, com 41 ocorrências, nas duas cartas, ficando o *guarani* com o segundo lugar,

com 27 ocorrências, também em ambas. Já o espanhol demonstrou baixa produtividade, com apenas uma ocorrência, “*criatura*”, na Carta 145.

Ainda pôde ser observado o registro de duas variantes híbridas, cuja formação comporta elementos de línguas distintas, sendo: i) *mitaguasu/mita guasu* (*mita*: guarani + *guassu*: tupi), encontrada nas duas cartas analisadas, com uma ocorrência em cada uma delas, e ii) *piazinho* (*piá*: tupi + [z]-*inho*: português), apontada na Carta 145.

Portanto, por meio da análise efetuada, pôde-se reiterar a influência da língua denotando: i) a relação homem/ambiente, ii) a percepção de mundo pelo sujeito, iii) o seu convívio com os demais falantes e, no caso do objetivado neste estudo, iv) as marcas de influências das línguas em contato. Tais percepções nos remetem, novamente, à assertiva de Silva Neto (1986, p. 18), quando o estudioso constata que “as línguas seguem o destino dos que a falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam”.

## Referências

ASSIS, Cecy Fernandes de. *Ñe’ẽryru: Avañe’ẽ-Portuge/Portuge-Avañe’ẽ* (Dicionário Guarani-Português/Português-Guarani). São Paulo: Edição Própria, 2008.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 2, 1998, p. 81-98.

BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. *Alfa*. São Paulo, 2012, p. 855-870.



CRIATURA. In: Real Academia Española – Dicionarios. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GURI. In: Origem da palavra. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br>>. Acesso em: 8 ago. 2015.

LOURENÇO, Dayse de Souza; ALTINO, Fabiane Cristina. Designações para “menstruação” nas capitais brasileiras: um estudo a partir dos dados do ALIB. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO (CONALI), Múltiplos Olhares, 4., 2013. *Anais...* Maringá, PR: UEM, jun. 2013.

REIS, Regiane Coelho Pereira. *Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2006. 3v. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2006.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, v. 13, n. 2, Londrina, PR, 2013, p. 203-242.

SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na Geographia Nacional*. 3. ed. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.

SILVA NETO, Serafim da. *Capítulos da História da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Presença, 1986.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário Guarani Português*. São Paulo: Traço Editora, 1989.

*Sobre o Projeto ALIB* – Informações disponíveis em <https://alib.ufba.br/> Acesso em: 10 ago. 2015.

**Recebido em 3 de agosto de 2018.**

**Aceite em 4 de novembro de 2018.**

---

<sup>i</sup> Informações disponíveis em <http://www.lettras.ufba.br>. Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>ii</sup> Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS, doravante denominado ALiPP.

<sup>iii</sup> Neste trabalho, “unidade(s) lexical(is)”, “lexia(s)” e “vocabulo(s)” estão sendo utilizados como sinônimos.

<sup>iv</sup> Informação disponível em <http://www.rae.es>. Acesso em: 8 jul. 2015.

<sup>v</sup> Informação disponível em <http://origemdapalavra.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2015.